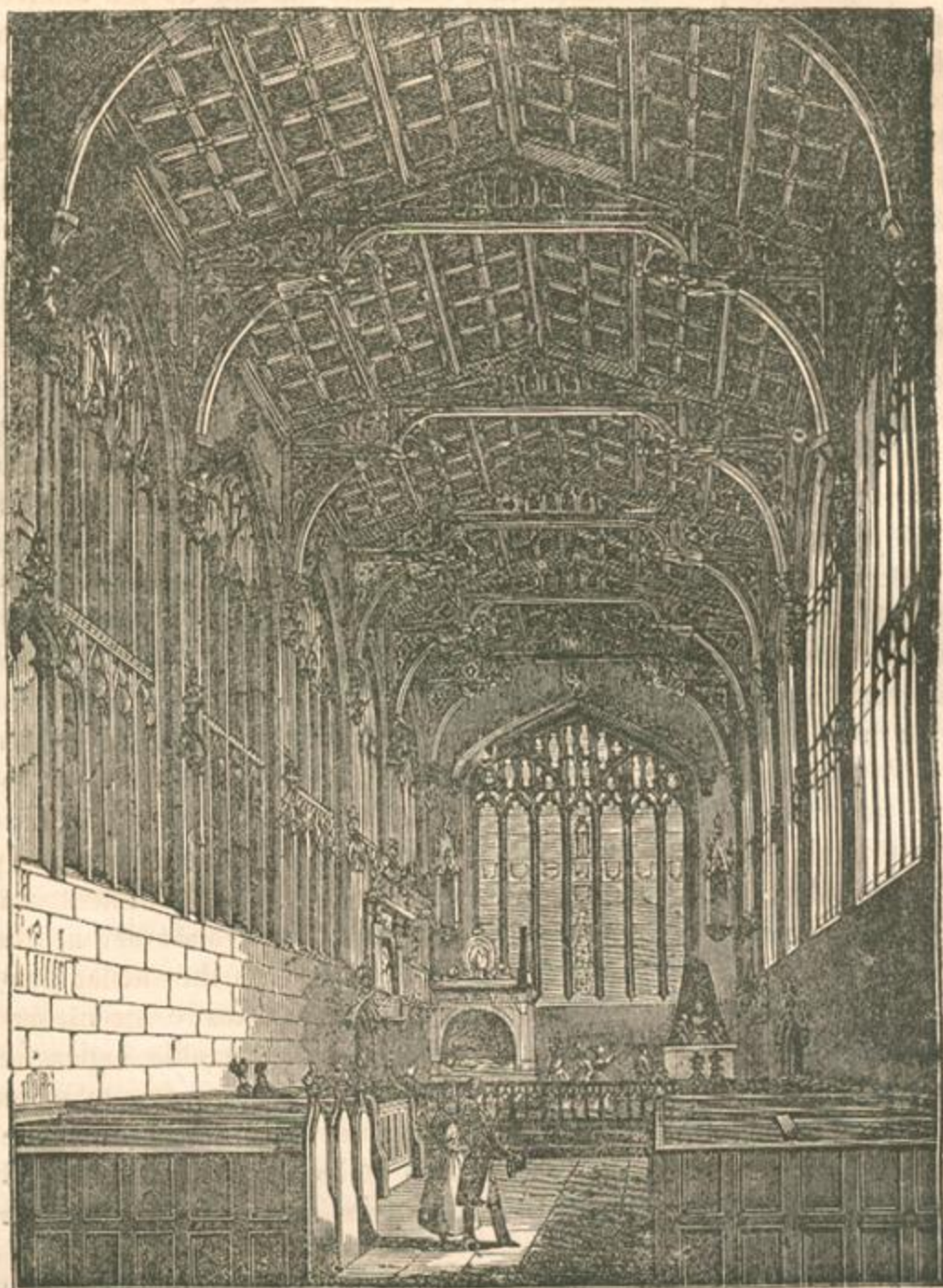




CORO DA IGREJA DE STRATFORD, ONDE JAZ SHAKSPEARE.

SHAKSPEARE.

GRANDES engenhos teem sido mal avaliados pelos seus contemporaneos, e tiveram de aguardar pela justiça imparcial da posteridade; outros louvados na sua epocha, quer por empenho de poderosos, quer pela impressão que seus escriptos faziam nos animos, morreram cercados da brilhante aureola da gloria; mas os criticos scholasticos, anatomisando-lhes as obras, que não achavam conformes aos preceitos, a que pretendiam submeter o talento creador, lavraram sentença de que taes e taes auctores nem eram para imitar-se, nem para elogiar-se. Notaveis exemplos nos offerece a historia litteraria em qualquer dos casos; e na da Inglaterra, a que especialmente nos devemos referir em rasão do thema que a nossa gravura nos subministra, achâmos dois muito illustres: o poema sublime do Milton não foi

devidamente apreciado quando seu auctor o tinha completado, e pela primeira vez se manifestou: as obras dramaticas de Shakspeare, tão gabadas nas representações, acharam nos criticos posteriores, que as julgavam pelas regras aristotelicas, severissima censura; contudo o povo inglez continuou a vê-las com gosto; mas os censores estrangeiros, apesar dos encomios e fadigas do traductor Le Tourneur, as desaccreditavam sem piedade: um drama de Shakspeare era na phrase delles um monstro. Hoje porem não se medem os quilates do valor litterario pelo que dictou Aristoteles e Le Bossu: dá-se preço ao engenho, onde elle transluz, descontam-se-lhe as aberrações, e poem-se patentes as bellezas, como se denunciavam os desvarios. O dramaturgo inglez foi para o logar que lhe competia na jerarchia litteraria. E porque não, — se um povo numeroso o applaudia havia longos

annos?... O sentimento intimo, o bom juizo de uma nação não é cousa que se tenha em menospreço, antes de maduro exame. Lembra-nos que Voltaire, censurando em muitas cousas o nosso Camões e por ventura sem bem entender o poeta, assenta por fim que o poema «Lusiadas» forçosamente hade encerrar grandes bellezas porque é ha tanto tempo a delicia de uma nação engenhosa: e quando os criticos applicam a bitola da arte á nossa immortal epopéa não lhes falta que amesquinhar com suas medidas. Já tinha dito com rasão o citado Voltaire que a praga dos aristarchos e commentadores laboriosamente paria volumes ácerca d'algumas linhas, geradas pelo entusiasmo poetico. Depostas porem estas considerações geraes tratemos brevemente do auctor dramatico da Inglaterra antiga.

Não estão perfeitamente verificadas as datas da vida de Guilherme Shakspeare; mas parece que nascêra no mez de Abril de 1564 em Stratford-sobre-o Avon: nem serão authenticas as historias, que transmittiu a tradição no tocante a seus primeiros annos. Diz-se que, não sendo dos mais regulares na mocidade, vieram a Londres, estando já casado e contando uns 25 annos de idade; e que tão restrictos eram os seus meios de subsistencia que precisára suggerir-se a segurar e vigiar os cavallos dos que iam ao theatro; e a outros mui humildes serviços: não se demorou por muito tempo no exercicio de tão mesquinhos misteres; não eram passados tres annos e já tinha desabrochado o talento dramatico de Shakspeare, inflammado á vista de algumas representações; o seu ensaio foi a primeira parte de Henrique 6.º Continuou com dramas novos, que lhe grangearam credito e dinheiro: em 1597 se imprimiram algumas das suas composições melhor succedidas; Romeo e Julietta, Ricardo 2.º e Ricardo 3.º: por muitos annos escreveu para a scena, e segundo consta algumas vezes subiu ao tablado como actor, o que não é de admirar, porque o grande auctor comico, Molière, fez outro tanto. — Alguns dos seus dramas foram representados na cõrte em presença da rainha Isabel, que honrou o poeta com varias mercês: a nobreza o estimou e tanto que a respeito d'elle consta o seguinte rasgo de generosidade. — O conde de Southampton, celebre na historia desse tempo por sua amisade com o desventurado conde d'Essex, presenteou Shakspeare com a quantia de mil guinéus facilitando-lhe assim a aquisição de uma propriedade de terras que desejava comprar.

Shakspeare, tendo ajuntado bens sufficientes para passar com independencia e regalo, viveu seus ultimos annos na terra de seu nascimento

em pacifico descanso, e falleceu em 1616 exactamente no dia do seu anniversario natalicio. A nação ingleza, cujo theatro se póde dizer creado por elle, erigiu-lhe no seculo passado um monumento soberbo na famosa abbadia de Westminster, o pantheon d'Inglaterra: porem entre os seus patricios repousam os seus ossos, no côro da igreja, denominada em Stratford-sobre-o Avon a *collegiada*. Verão os leitores o desenho desse bello presbyterio e côro, na antecedente estampa, tal qual foi restaurado por subscrições em 1836. O tumulto do dramaturgo, apesar de outros que por alli ha tão magnificos, é o que prende a attenção de todos: fica junto á entrada do lado do norte; tem o busto do poeta esculpido em marmore.

Shakspeare deveu mais á inspiração natural de sua alma que a estudos laboriosos; é um escriptor original, ás vezes sublime, outras pathetico, e quasi sempre verdadeiro na expressão dos affectos. As chocarrices que ha em alguns de seus dramas, são, como os trocadilhos em sermões de Vieira e os conceitos no poema do Tasso, fraquezas proprias do seculo em que esses talentos floresceram; e comtudo, reprovando-as, não deixámos de em certas occasiões lhes achar graça. Shakspeare com seus defeitos é incontestavelmente aclamado pai da tragedia ingleza. Alem das composições theatraes, deixou poesias sobre varios assumptos; com especialidade se menciona uma collecção de sonetos com bellezas elogiadas pelos amantes das musas britannicas.

ARRHAS POR FORO D' HESPAÑIA.

1371 — 3.

V.

Mestre Bertolameu Chambão.

FR. ROY sahindo da casa das arcas atravessára os corredores visinhos; mas em vez de seguir o que dava para o passadiço de S. Martinho tomára por uma escadinha escura aberta no topo da estreita passagem anterior a elle. Esta escadinha descia para o atrio do paço. O beguino, habituado pelo seu ministerio a entrar na morada real ás horas mortas, e a sahir nas menos frequentadas, sabia por diuturna experiencia que a porta principal devia estar aberta, mas ainda erma, ao mesmo tempo que a igreja, por onde entrára, já começaria a povoar-se de fieis, porque, como é facil de supôr, as igrejas eram naquella epocha mais frequentadas que hoje. Desceu, pois, com passo firme, resolvido a encaminhar-se ao rocio, e a espalhar entre os amotinados a noticia da partida d'elrei.

Mas uma difficuldade imprevista lhe embarcou os passos. Ou fosse que os acontecimentos da vespera obrigassem a maiores cautellas, não havendo ainda então exercito permanente, nem guardas pagas para defensão da pessoa real, cuja melhor protecção estava na propria espada, ou fosse por qualquer outro motivo, — a porta ainda se não abria! O beguino hesitou se devia retroceder para sahir pela igreja, se esperar. As considerações que o tinham movido a seguir este caminho o obrigaram a ficar. Mettido no estreito e escuro vão da escada, o eremita, se tal nome se póde dar a um homem que vivia no meio das turbas, assemelhava-se, involto nas suas roupas de burel, e reluzindo-lhe os olhos á meia luz que dava o pateo interior, a um moderno funcionario da magistratura, que hoje, nesses mesmos paços, e n'um desvão igual — talvez no mesmo sitio — mostra aos que entram o rosto banhado na hediondez da sua alma, esperando que a vindicta publica o convide a algum banquete de carne humana, e no esperar atroz rodea com as garras os ferros do seu covil, como um tigre captivo: — o espia era alli, por assim dizer, uma *preexistencia* — uma *harmonia preestabelecida* do algoz.

Passára obra de meia hora, e o beguino começava a impacientar-se seriamente, quando sentiu pés de cavalgaduras no pateo interior do edificio. D'ahi a pouco um donzel trazendo na mão uma enorme chave, e as redeas de uma valente mula enfiadas no braço, chegou á porta e começou a abri-la. Era um dos donzeis d'elrei. Costumado a disfarçar a sua frequente entrada no paço sob a capa de frade mendigo, e habituado a estender a mão á espera de alguns soldos que devotamente lhe atiravam senhores, cavalleiros, e escudeiros, ao que elle retribuia com a longa lenda das suas orações em latim estropeado, Fr. Roy era acceito a quasi todos os moradores da casa d'elrei, que respeitavam a sua apparente santidade. Por isso sahindo do seu desvão encaminhou-se para a porta.

«A madre santa Maria vos guarde de máu olhado, de feitiços, e de ligamentos»: — disse elle, chegando-se ao donzel, e fazendo sobresahir esta ultima palavra.

«Vós aqui, Fr. Roy, por estas horas? — replicou o donzel, voltando-se admirado.

«Que quereis! — tornou o beguino. Quando hontem os malditos burguezes accommetteram os paços reaes com sua grita e revolta, estava eu aqui. Ai que medo tive! — Escondi-me n'aquelle desvão, e quando se fecharam as portas achei-me encurralado cá dentro como um emparedado em seu nicho. A minha pro-

fissão de paz e religião não me consentia passar por meio d'homens possuidos de espirito de soberba e de colera, e inspirados por Belzebuth, nem o susto me deixava animo desafogado para ir roçar o burel do meu santo habito pelos trajos empestados dos filhos de Be-lial. Tambem a humildade e mortificação christã se oppunham a que eu subisse a pedir gualhado a algum de vós outros os moradores da casa de nosso senhor elrei. Assim, louvando a Deus por me conceder uma noite de padecimento, alli me deixei ficar sobre as lagens humidas, sobre as duras e agudas arestas dos degraus daquella escada. Agora, que a revolta é finda, consolado com as dôres que me traspassam os ossos, e confiado na providencia de Jesu-Christo, vou-me ao meu giro diario, para vêr se obtenho da caridade dos devotos a pitança usual com que possa matar a fome de vintequatro horas, pela qual dou mil louvores ao justo juiz, que reina eternalmente nos altos céus.»

O beguino revirou beatificamente os olhos, e fez uma visagem entre afflicta e resignada, levando ao mesmo tempo a mão ao joelho, como se alli sentisse uma dôr agudissima.

«Veneravel Fr. Roy! — atalhou o donzel com as lagrymas nos olhos — se tivesseis procurado o aposento dos donzeis, nós vos daríamos ao menos um almadraque para repousar, e repartiríamos convosco de nossa cêa. Mas o mal está feito, e o peor é que para hoje não vos posso offerecer abrigo. Vós crêdes, santo-homem, que a revolta é finda, e nunca ella esteve mais accesa. Sua senhoria vai partir já da cidade...»

Santa Maria val! — santo nome de Jesus! — accorrei-nos virgem bemdita! interrompeu Fr. Roy. Pois os populares teimam em sua assuada, e elrei deixa-nos aos coitados de nós humildes religiosos e cidadãos pacificos, entregues ao furor dos peões?»

E que remedio, bom Fr. Roy?! — replicou tristemente o donzel. — Sem cavalleiros, escudeiros, e bésteiros não se faz guerra, nem se desfazem assuadas, e nada disto tem elrei. Agora vou eu ao rocio avisar os senhores do conselho, os privados e fidalgos que lá estão, que sigam caminho de Santarem, sob pena de incorrerem em caso de traição se ficarem em Lisboa, por signal que elrei me recommendou procurasse avisar primeiro que ninguem sua mercê o infante D. Diniz.»

«No rocio dizeis vós?» — tornou o beguino arregalando os olhos. — Confesso que vos não entendo.»

Durante este dialogo o donzel tinha acabado de destrancar a porta do paço, cavalgado

na mula que trazia de redea, e sahido ao terreiro seguido de Fr. Roy, que coxeava, estorcias-se, e suspirava dolorosamente de quando em quando. Passo a passo, e sofrendo a mula, caminho da sé, o pagem narrou ao beguino todas as particularidades succedidas aquella manhã, as quaes Fr. Roy sabia melhor que elle. Chegados defronte dos paços do concelho, o pagem tomou pelo sopé da alcaçova, e Fr. Roy pela porta de ferro, não sem terem primeiro sahido da bolça do donzel para a manga do beguino alguns pilartes (1), e da boca deste para os ouvidos daquelle alguns latinorios pios devidamente escorchados.

Apenas passára o largo da sé e transpozera a velha e soturna porta de ferro, Fr. Roy se achára perfeitamente sarado do seu tão agudo rheumatismo. Ligeiro como um galgo desceu por entre as antigas tercenas reaes, e em menos de tres credos estava no pelourinho (2). Ahi viu cousa que o fez parar.

Um homem vestido de valencina, e cuberta a cabeça com um grande feltro, arengava a um troço de bésteiros e peões armados de lanças ou azevans, de almarcovas ou cutéllos: tinha nas mãos um desconforme montante, e na cinta uma espada curta: a turba ora o escutava attentamente, ora prorompia em gritos confusos e estrondosos. Fr. Roy chegou-se. O homem do feltro amplo era o mestre tanoeiro Bertolameu Chambão, que entusiasmado proseguia o seu vehemente discurso, sem reparar no beguino:

« Já vo-lo disse: d'aqui ninguem bóle pé antes d'elrei nosso senhor sahir para S. Domingos. Nada de bulha fóra de sação, que lá estão os esculcas. Daremos mostra ao paço quando ahi fôr só a adultera. Se, como hontem, nos fecharem as portas, isso é outro caso. É preciso que isto se desfça. A cobra peçonhenta deve sahir da tóca. Não digo que então não seja possivel esmagar-se-lhe a cabeça.... N'um brandir de azevan.... Mas cautel-la, não haja sangue!.... Pelo menos d'inno-centes..... Leaes e esforçados cidadãos desta mui leal cidá.... Sáfa, bruto! — »

Esta peroração inesperada com que mestre Bertolameu interrompêra o seu discurso, que se ia elevar ao ápice da eloquencia, procedêra de lhe ter descido a grossa e espaçosa mão do beguino sobre o hombro, que lhe vergára como se houvessem descarregado em cima delle uma aduella de cuba. A Fr. Roy occorrêra

uma idéa abençoada, a de communicar a mestre Bertolameu a nova que D. Leonor lhe recommendára espalhasse entre os amotinados — a nova da sua partida de Lisboa com elrei. O mendicante sabia que o tanoeiro era homem de bofes lavados, e que dentro de meia hora a noticia teria corrido toda a cidade. Assim se esquivava não só a ser visto no rocio pelo donzel, de quem naquelle instante se apartára, mas tambem a achar-se envolvido em qualquer desordem que semelhante noticia poderia produzir, attenta a irritação dos animos. Alem disso a lembrança do arrepio dorsal, que as ultimas palavras de D. Leonor lhe tinham causado, lhe fazia quasi desejar que o tanoeiro, encarregado [segundo percebêra do fim da sua arenga] da commissão, que, na taberna de Folco Taca, Diogo Lopes incumbira a Fernão Vassques, podesse ainda desempenha-la, atalhando a fuga de D. Leonor. Estas considerações que lhe haviam passado rapidamente pelo espirito, e o ver que mestre Bertolameu não levava geito de acabar, o moveram a fallar ao tanoeiro, que só o sentira quando elle lhe descarregára sobre o hombro a ponderosa mas amigavel palmada.

« Com mil e quinhentos satanazes! — exclamou mestre Bertolameu, voltando-se, e vendo ao pé de si o beguino. — Sabia que a mão da santa madre igreja era pesada; mas não pensava que o fosse tanto! Que me quereis Fr. Roy? »

« Dizer-vos que podeis mandar sahir vossos esculcas de sua atalaia; porque poderiam chegar a passar o inverno ahi, antes de verem elrei chegar e passar para S. Domingos. »

« Fr. Roy, — replicou o tanoeiro fazendo-se vermelho de colera — para vir interromper-me com uma de vossas bufonarias não valia a pena de me aleijardes este hombro! »

« Tomai como quizerdes as minhas palavras: chama-me o que vos approuver, bufão ou mentiroso, mas a verdade é que não será hoje que os populares fallarão com elrei. »

« Pois que, morreu dos feitiços da adultera, ou tornou-o invisivel algum encantador seu amigo? »

« Nem uma cousa nem outra: mas com estes olhos de grande peccador [aqui o beguino fez o gesto habitual de cruzar as mãos sobre o peito] eu o vi sahir para a banda da porta da cruz.... »

« Fr. Roy, olhai que estes honrados cidadãos vos escutam, e que o auto é mui grave para gastar truanices. »

« Já disse, mestre Bertolameu, que fallo verdade. Pelo bento circilho do Santo-Padre vos juro que hoje elrei não dormirá em Lis-

(1) Moeda de prata de cinco soldos.

(2) As tercenas ou *taracenas* reaes, isto é, o deposito dos aprestos das galés de guerra, eram junto ao sitio em que hoje vemos a igreja da Magdalena: o pelourinho velho ou *Açougues* era um terreiro que ficava pouco mais ou menos no fim da Rua da Prata.

boa segundo o geito que lhe vejo. Elle cavalgava uma possante mula de caminho; n'outra ia uma dona cuberta com um longo veu: seguiam-no donzeis, falcoeiros, e moços de noite. Ao perpassar ainda lhe ouvi estas palavras: — olhai aquelles villões traidores como se juntavam: certamente prender-me quizeram, se lá fôra! (3) Não pude perceber mais nada. Que mais, porem, é preciso? Deixastes fugir a preia: agora catai-lhe o rasto.»

«Traidor é elle que nos ha mentido como um pagão! — bradou o tanoeiro sopesando o montante. — Mas que se guarde de outra vez trazer a Lisboa a adultera! — Rainha ou barregan, arrancar-lhe-hemos os olhos. A arraia miuda foi escarnida; mas não o será em vão. Que dizeis vós outros, honrados burguezes?»

«Escarnidos, escarnidos! — respondeu com grande grita o tropel. — Mas á fé que nunca a adultera será rainha de Portugal. Morra a comborça!»

E no meio da alarida as pontas das lanças, e os largos ferros das almarcovas agitados nos ares scintillavam aos raios do sol oriental como um vasto brazido.

«Ao rocio! ao rocio! — gritou mestre Bertolameu. — Vamos, rapazes: já que não fazemos aqui nada, ao menos que o povo não seja por mais tempo burlado.»

E pondo o montante ás costas, mestre Bertolameu tomou por uma das ruas que davam para a banda de Valverde, seguido da turba-multa, e sem fazer caso de Fr. Roy, que procurava rete-lo, ponderando que ainda poderia alcançar elrei e faze-lo retroceder. O tanoeiro porem não tinha valor para affrontar-se face a face com D. Fernando, e por isso fingiu não ouvir o beguino, que dentro de alguns minutos se achou só no meio do terreiro calado e deserto.

Entretanto junto a S. Domingos, se bem que a rixa começada entre os nobres partidarios de D. Leonor e Fernão Vasques se houvesse desvanecido, a agitação dos populares, cujo numero crescia continuamente, não se tinha acalmado. Encostado a um dos pilares do alpendre, o alfaiate ora lançava os olhos de revez para os senhores da côrte e conselho, que esperando por elrei passeavam de um para outro lado, ora os espraiaava por aquelle mar de vultos humanos, que elle sabia poder agitar ou tornar immoveis com uma palavra ou com um simples aceno. Similhante á hora que precede a procella, em que apenas se veem correr na atmosphaera abafada os castellos en-

contrados de nuvens densas e negras, e se ouve o estourar dos trovões roufenhos e prolongados, aquella hora que então passava era espantosa e ameaçadora d'estragos, sobre tudo quando, apoz um rugido terrivel do tigre popular, se fazia na praça apinhada de gente um silencio ainda mais temeroso e tetrico.

Foi n'uma destas interrupções do motim, que um pagem, sabindo ao galope do lado da corredoura, veio apear-se junto do alpendre, e tirando da cinta um pergaminho aberto o entregou ao infante D. Diniz.

Este fitou os olhos na escriptura, descorou subitamente, e entregou o pergaminho a Diogo Lopes, dizendo-lhe ao mesmo tempo em voz baixa:

«Estamos perdidos!»

Diogo Lopes leu o conteúdo naquelle escripto fatal, e no mesmo tom respondeu ao infante:

«O caminho de salvação que nos resta é o de Santarem. Obediencia e circumspecção!»

O pergaminho passou rapidamente de mão em mão: os fidalgos, letrados e cavalleiros fizeram um circulo no meio do alpendre, depois de o haverem lido, e fitaram uns nos outros olhos desassocegados. Todos receavam fallar. O manhoso Pacheco foi o primeiro que se atreveu a isso, aproveitando habilmente a hesitação dos outros fidalgos e conselheiros.

«Vistes a ordem d'elrei. Como um dos mais velhos entre nós direi meu parecer. Embora o risco seja grande achando-nos cercados do povo-armado e furioso, o nosso dever é pôr a vida por obedecer a nosso senhor elrei.»

«Mas — atalhou o doutor Gil d'Ocem, que por mui letrado e prudente era ouvido como oraculo pelos cortesãos — o caso é grave: o povo se nos vir retirar enviar-se-há a nós: se lhes dizemos o motivo de nossa partida é capaz de desconcertos maiores que os já commettidos. Sua senhoria não devêra ter-nos emprazado para este auto, se a sua intenção era não dar resposta aos populares.»

Visivelmente o doutor *em leis e degredos* estava tomado de medo, no que não levava vantagem á maior parte dos outros membros do conselho real.

O conde de Barcellos guardava silencio. Não podia conceber como D. Leonor o não avisára a tempo, e por isso preocupava-o a indignação, ignorando que a resolução da fuga fôra tomada mui tarde. Na vespera elle aconselhára elrei que cedesse a tudo quanto o povo quizesse; porque dissolvido o tumulto facil era chamar á côrte os senhores e cavalleiros de mais confiança, acompanhados de gente de guerra, com que seria sopitado qualquer motim, se os

(3) Nem quis alla hir e partiosse da cidade com D. Leonor, ho mais escusamente que pode, e hia dizendo pelo caminho: «Oolhaae, &c.» — *Fernão Lopes chr. de D. Fernando c. 61.*

populares ousassem oppôr-se de novo á vontade de seu rei e senhor. D. Fernando acceitára o conselho, que se não era o mais leal, era ao menos o mais seguro; mas as revelações do beguino, que o conde ignorava, tinham mudado, como o leitor viu, a situação do negocio.

A reflexão de Gil d'Ocem estava em todas as cabeças, e por isso os cortesãos ficaram outra vez em silencio, como buscando um expediente para sahir daquelle difficiloso passo: a incerteza, o despeito, o receio pintava-se nos rostos demudados de muitos.

E as vagas do oceano, que ameaçava tragalos, encapelavam-se aos pés delles: o povo vendo os fidalgos em pé e mudos n'um círculo, apinhava-se cada vez mais basto ao redor da alpendrada. Isto fazia crescer o temor, e o temor perturbava demais os animos para que podessem achar um expediente acertado.

Era por isso que esperava o astuto Pacheco.

«Um alvitre me lembra para obedecermos a elrei e escaparmos á sanha dos populares. É duro para a nossa lealdade; mas é o unico de que nos podêmos valer.»

«Dizei, dizei!» — clamaram a um tempo todos, á excepção do conde de Barcellos, que fitou nelle os olhos desconfiados.

«É necessario que annuncieemos a nova da partida d'elrei, e que sejamos os primeiros a affear este procedimento: — é necessario que vamos adiante da indignação dos peões. Depois dir-lhes-hemos que burlados como elles, nada fazemos aqui. Então nos apartaremos sem custo, e sahiremos da cidade como pudermos, na certeza de que não serei eu o ultimo, apesar de velho, que cruze as portas da alcaçova de Santarem.»

«Mas quem hade fallar em nosso nome? — perguntou Gil d'Ocem.

«No vosso, Mestre Gil das Leis! — interrompeu o conde de Barcellos. — Nem o receio das affrontas de alguns milhares de sandeus, e até nem o da morte me obrigaria a cuspir maldições sobre o nome daquelle a quem uma vez jurei preito e leal menagem.»

«*Vitam impendere vero nemo tenetur*: replicou Gil d'Ocem — ou, como quem o dissesse por linguagem — ninguém é obrigado a deixar-se matar por amor da verdade ou de seu preito. — Vós fazei o que vos approuver.»

Á auctoridade de um texto latino trazido assim a ponto por um tão insigne doutor não havia resistir. Os fidalgos e conselheiros approvaram quasi unanimemente o alvitre de Diogo Lopes.

«Mas quem hade fallar ao povo? — insistiu o mestre em leis, que não parecia excessiva-

mente inclinado a incumbir-se dessa gloriosa tarefa.

«Eu, — se assim o quizerdes —» replicou immediatamente Diogo Lopes.

O manhoso cortesão vira claramente que a partida d'elrei transtornava todos os seus desenhos: todavia calculára n'um momento como, sem suscitar a indignação de Fernão Vasques, e por consequencia alguma revelação perigosa, podia salvar-se e ao infante. Logo que elrei se esquivára á influencia do povo, de cuja ousadia o velho esperava tudo, o casamento de D. Leonor era inevitavel, e ainda suppondo, o que não era d'esperar, que o tumulto fosse ávante, e que Lisboa se rebellasse claramente contra D. Fernando, o resultado da guerra civil tinha muito maior probabilidade de ser favoravel a elrei, senhor do resto de Portugal, que ao povo desprovido naquella epocha dos principaes meios com que hoje póde sustentar uma lucta intestina. Assim o alvitre que offerecêra para a salvação dos cortesãos era só para se haver de salvar a si, conservando ao mesmo tempo a affeição dos cabeças da revolta, sem que o meio que para isso devia empregar o fizesse descahir da graça de D. Fernando.

Para os calculos de Diogo Lopes faltára, porém, um elemento: — era a delação do beguino: — e era justamente esta falta que os destruhia todos. Assim é a politica!

O sacrificio de Diogo Lopes foi geralmente recebido com approvação e agradecimento. Então elle sahindo do círculo approximou-se a Fernão Vasques, que de quando em quando volvia os olhos inquietos para a pinha dos fidalgos e cavalleiros.

«Falhou a traça — disse o velho cortesão em voz sumida ao alfaiate — elrei acaba de sahir da cidade.»

Fernão Vasques recuou, e poz-se a olhar espantado para Diogo Lopes, como quem não accreditava o que ouvia.

«O que vos digo é a verdade — continuou Pacheco. — Mas não affrouxar! Elrei de Castella é por nós, e bom numero de fidalgos portuguezes o são tambem. Mais: são por nós a maior parte dos que ora aqui vedes presentes. Conservai o bom animo do povo, e fiaí o resto de mim e . . . de quem vós sabeis.»

Ao pronunciar estas palavras, Diogo Lopes lançou de relance os olhos para D. Diniz.

«Mas elrei tomará por mulher D. Leonor — acudiu o alfaiate atterrado — voltará a Lisboa com seus cavalleiros e homens d'armas, e então desgraçados de nós!»

«Não temais: o matrimonio adultero será condemnado pelo papa. Vós já tereis ouvido contar o que succedeu a elrei D. Sancho: a

D. Fernando pôde succeder o mesmo. Também os fidalgos de Portugal teem homens d'armas. Podeis estar certo de que não vos abandonaremos. Agora resta uma cousa. Coube-me a mim dar esta triste nova aos bons e leaes burguezes, que tão ousadamente se oppuseram á deshonra da sua terra e de seu rei, e eu devo ser ouvido por elles. Mandai-lhes que façam silencio.

Fernão Vasques obedeceu: o ruido dos populares, que não descontinuára durante esta scena, acalmou a um aceno do alfaiate.

Diogo Lopes fez então um largo discurso, com que não cansaremos os leitores, que pouco mais ou menos terão previsto qual seria. Misturando amargas reprehensões contra D. Fernando com lisonjas aos populares procurou persuadi-los, postoque indirectamente, de que toda a fidalguia estava cheia d'indignação. Aludiu á resistencia por armas que elrei podia encontrar entre os ricos-homens de Portugal contra o seu casamento; e no caso de vir este a cabo, a probabilidade de ser annullado pelas censuras da igreja. Emfim, sem nunca lhes dizer claramente que insistissem na revolta e tratassem se fosse preciso de defender a cidade contra o poder real, suscitou todas as idéas que podiam levar os populares a este excesso. Faltava o ponto difficiloso; o da partida dos fidalgos. Pacheco soube com a mesma ambiguidade dar esperanças aos peões de que elles se encaminhavam para suas alcadarias e honras com o louvavel intento de se aperceberem em soccorro dos burguezes de Lisboa, e com tal arte o fez, que os senhores e cavalleiros que se achavam em S. Domingos, sem exceptuar o proprio conde de Barcellos, não viram nas suas palavras senão uma feliz inspiração para os salvar da colera da multidão.

Esta durante a larga arenga do antigo conselheiro d'Affonso 4.^o guardára silencio, interrompido a espaços por um desses borborinhos, que são como os annuncios das erupções do volcão popular. Pacheco emfim concluiu: mas o espectáculo que tinha diante de si o fez ficar immovel por alguns momentos — e estes foram terriveis. Aquelles centenares de olhos avermelhados, scintillantes de furor, cravados nelle e nos outros fidalgos; aquellas bocas semi-abertas prestes a proromper em brados de morte, eram como um pesadelo diabolico, como uma vertigem de loucura. Os populares pareciam ainda escuta-lo, e não poderem acreditar a deslealdade de D. Fernando de Portugal.

Os fidalgos aproveitaram este instante de torpor moral que precedia a procella. Desce-

ram da alpendrada, e montando nas suas possantes mulas, encaminharam-se vagarosamente para a banda da corredoura. No meio da cavalgada e rodeado dos cavalleiros mais bem-quistos do povo ia o conde de Barcellos, e Diogo Lopes com os seus pagens fechava o sequito. Se houvessem atravessado a praça, o conde teria corrido grande risco; porque ao dobrar o angulo do mosteiro já os doestos grosseiros e violentos voavam contra elle do meio do povo apinhado, e até dois virotes de béstia pareceram sibilar por cima da sua cabeça. Mas apertando os acicates os cavalleiros seguiram ao longo da corredoura, em quanto Diogo Lopes, victoriado pelos a quem com sorrisos retribuía aquellas mostras d'affecto, obstava a que as ondas populares rodeassem o diminuto numero de cortesãos, alguns dos quaes tinham fundados motivos para recear a irritação desses animos ferozes, exaltados pela fuga d'elrei.

A cavalgada tinha desaparecido, quando um troço de bésteiros e peões desembocou do lado da rua nova. Era mestre Bertolameu e a sua gente que vinham confirmar a nova que dera Diogo Lopes Pacheco.

Mas as palavras que Fr. Roy dissera ter ouvido proferir a elrei, lançadas entre os amotinados, como um facho sobre montão de lenha, por onde lavra ha muito fogo occulto, levaram o tumulto a um ponto medonho. As affrontas que até ahi quasi só se encaminhavam contra Leonor Telles e os seus parciaes, voltaram-se contra D. Fernando. As maldicções, as pragas, os nomes de traidor e covarde se ajuntavam ás mais violentas ameaças. Uns juravam que nunca mais elle entraria em Lisboa: outros propunham que se lançasse fogo aos paços reaes. Debalde Fernão Vasques trabalhava por aquietá-los; nem já escutavam o seu idolo. Furiosos espalhavam-se pelas ruas que atroavam com gritos, brandindo as armas; e por certo que se neste momento D. Fernando lhes tivesse apparecido não teriam talvez respeitado a vida do filho do seu tão querido D. Pedro 1.^o, o mais popular de todos os nossos reis, chamados da primeira raça.

Este motim sem objecto, sem resistencia, e sem resultado, acalmou nesse mesmo dia. Ao anoitecer a cidade tinha cahido no seu habitual silencio, e pouco a pouco os fidalgos e cavalleiros atravessando as portas da cruz seguiam caminho de Santarem. O systema miltar dos antigos parthos dera a victoria a elrei: elle vencia fugindo!

O povo adormeceu: os cabeças da revolta estavam irremediavelmente perdidos.

(Continuar-se-ha.)

ECONOMIA DOMESTICA.

Arte do Cosinheiro e do Copeiro, compilada dos melhores auctores, que sobre isto escreveram modernamente: Lisboa 1844. 1 vol. de 8.º francez de 328 pag. com tres estampas lithographadas. — Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

ENTRE as qualidades essenciaes de uma senhora, perfeita dona de casa, se contam o conhecimento dos generos comestiveis e do preparo dos manjares, a vigilância por que não perigues a saude da familia, e a prudente economia no evitar desperdicios. Algumas obras correm impressas que tem por objecto o bom regimen e arranjo domestico; e algumas senhoras figuram no catalogo dos auctores sobre este assumpto; numero em que incluimos com honrosa menção M.^{me} Aglae Adanson, pela obra que publicou — *La Maison de Campagne*. De parte deste escripto se aproveitou, como o declara, o illustre A. da nova — *Arte do Cosinheiro e do Copeiro*; porem com as necessarias modificações, com muitos additamentos e notas, que ou comprehendem methodos novos, ou observações importantes. — As estampas representam diversos utensilios, entre os quaes um da invenção do A., a que denominou *Clibano*, especie de forno, de facil construcção, e que muito poupa o consumo do combustivel; achase descripto a pag. 292 e seguintes da obra. Outros desenhos, acompanhados das respectivas explicações, ensinam as maneiras de dispôr o serviço das mezas com symetria e bom gosto. — Um indice alphabetico facilita ao leitor achar o que pertencer no contexto do volume.

O A. attendendo a quanto se devia esperar do objecto e titulo do seu livro, não perdeu ao mesmo tempo de vista — a conservação da saude, e a bem entendida economia domestica.

ARTES.

Methodo novo para bronzear o cobre.

ESTE methodo é do celebre chimico Mr. Berzelio. — Dissolvem-se duas partes de verdete e uma de sal ammoniaco em vinagre; faz-se ferver a solução, escuma-se, e augmenta-se com agua até não depôr precipitado branco. Decanta-se o liquido bem claro; e faz-se ferver rapidamente a fim de que se não concentre, e não produza sedimento branco: logo que chegar á ebullição, vasar-se-ha sobre a peça que se quer bronzear, a qual estará d'antemão bem polida: esta peça estará n'outro vaso, que

se porá logo ao lume, para que o liquido ainda quente recomece a fervura. — Pertendendo-se bronzear medalhas, collocam-se a prumo sobre uma grelha ou grade de pau, de fórma que não toquem umas nas outras. Tendo durado a operação cinco minutos, examinam-se as peças: o cobre faz-se primeiro preto ou d'azul mui escuro, passa depois a um rubro tambem fechado, e depois á côr muito mais carregada. Logo que a peça tomou no banho a côr fechada que se requer, tira-se o vaso do fogo, decanta-se o liquido, é bem lavada, e posta a enxugar com o maior cuidado; porque se ficar o menor vestigio da solução de cobre converte-se em verdete quando se expõe ao ar. Em geral é melhor que a solução seja o mais fraca possivel; se a operação deste modo caminha mais lentamente é por outro lado muito mais seguro o resultado.

Modo de collar os papeis pintados.

Se as paredes não são perfeitamente lisas, é necessario puli-las. Toma-se, para uma casa de dez pés d'altura em quinze de largura e comprimento, uma libra de colla de Flandres, levemente humedecida: passada uma hora de ter a colla de molho, põe-se ao fogo com tres quartilhos bem medidos d'agua; junta-se-lhe oito onças de therebentina, deixando-a cozer por meia-hora, e mexendo continuamente. Quando a therebentina está de todo dissolvida, dão-se nas paredes duas ou tres demãos desta colla quente. — Para collar o papel, toma-se colla de farinha, em que se tenha dissolvido ao fogo therebentina na proporção de cinco ou seis onças por libra de colla, tendo sempre o cuidado de mexer bem, porque não havendo esta cautela mancharia o papel, uma vez que não estivesse bem dissolvida na colla.

Este methodo tem de mais a grande vantagem de destruir os percevejos, que se acham em muitos quartos, porque ficam entaipados com sua hedionda progeie pelas demãos com que as paredes são preparadas.

É UMA observação constante, que tenho feito no decurso da minha vida e estudos; que os homens muito eruditos são raras vezes originaes. A imitação é o talento universal da especie humana, ou antes uma disposição constante, de que a natureza dotou todos os homens, para supprir nelles a falta do instincto, que concedeu aos outros animaes, e por isso com alguma propriedade lhe podemos chamar o instincto dos seres racionais. — *F. de Borja Garção Stockler.*